

Saberes ‘não Matemáticos’ presentes nas narrativas de estudantes de uma escola quilombola, na construção de um Projeto Interdisciplinar

Resumo:

O objetivo desta investigação foi compreender como os saberes ‘não matemáticos’, presentes nas narrativas dos estudantes jovens e adultos de uma escola quilombola, durante a construção de um projeto interdisciplinar, estão relacionados com as suas experiências e vivências. Considerando esse contexto, o referencial teórico apresentado discute sobre os processos de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos e Educação Escolar Quilombola, considerando os saberes locais, próprios da sua cultura. Nesse sentido, foi necessário analisar as narrativas de estudantes envolvidos no projeto desenvolvido na escola, numa abordagem qualitativa, coletadas através de entrevista semiestruturada. Como resultado, foi percebido a forte influência dos saberes locais na construção dos saberes escolares, trazidos para o espaço da sala de aula, como elementos da vida diária, que fazem parte dos seus modos de vida, e expressões culturais, que são passados de geração para geração.

Palavras-chaves: Saberes ‘não matemáticos’. Educação Escolar Quilombola. Projeto Interdisciplinar. Narrativas.

Jaíra de Souza Gomes Bispo

Universidade do Estado da Bahia
Escola Brazilino Viegas,
Alagoinhas, BA – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9310-3134>
✉ jairasouster@gmail.com

Saddo Ag Almouloud

Universidade Federal do Pará
Belém, BA – Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-8391-7054>
✉ saddoag@gmail.com

Recebido • 04/04/2025
Aprovado • 05/06/2025
Publicado • 08/08/2025

Comunicação Científica

1 Introdução

Considerando o conhecimento sobre as ervas medicinais da região do Cangula, Comunidade Quilombola do Distrito de Boa União, Alagoinhas – BA, bem como os seus benefícios, que são passados de pais para filhos, e também para netos, o mesmo pode ser entendido como um bem patrimonial relevante. Esse conhecimento na região do Cangula resultou no projeto ‘Farmácia Verde’¹, de modo que conseguiram inaugurar uma saboaria, para a produção de sabonetes medicinais ao fim de 2022. Porém, essa prática já vem sendo desenvolvida na comunidade há bastante tempo, de modo artesanal, nas residências dos moradores.

¹ *Farmácia Verde* é um projeto existente na Comunidade Quilombola Cangula, Distrito Boa União, Alagoinhas – BA, que produz sabonetes medicinais e artesanais. A inauguração da saboaria da região, em parceria com a BRACEL aconteceu em 23/11/2022.

Nessa escola, o depoimento de uma estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA²), turno noturno, contribuiu significativamente para que os professores repensassem no processo de ensino e aprendizagem e valorizassem a sua experiência vivida no projeto da região, citado anteriormente. Seu desejo era que esse projeto fosse ampliado, e que futuramente adquirisse também um laboratório para a produção de medicamentos à base de ervas medicinais da região, mas para isso seria necessário adquirirem maiores conhecimentos sobre a biologia e a matemática, por exemplo.

Consequentemente foi desenvolvido na escola o projeto intitulado *Natural Brazil*³, com o objetivo de instrumentalizar estudantes das comunidades quilombolas/rural de Boa União, para a produção de sabonetes medicinais artesanais. Mas para alcançar esse objetivo foi necessário realizar algumas pesquisas a respeito das Ervas Medicinais e seus benefícios. Para isso, foram realizadas algumas oficinas com a participação dos estudantes e das professoras de matemática e de biologia, tais como: produção de exsicatas⁴ para compreensão do processo de catalogação de plantas de uma região; confecção de sabonetes medicinais artesanais, de embalagens, de etiquetas adesivas com logomarca do sabonete, e ainda, de fichinhas informativas sobre os benefícios de algumas plantas da região de Boa União.

Por intermédio de práticas como essa acredita-se que seja valorizado o conhecimento local das comunidades, e suas vivências e experiências, que servem de fortalecimento, empoderamento e valorização das mesmas. Pensando na valorização das Comunidades Quilombolas da região de Boa União foi que alguns docentes construíram de forma conjunta com os estudantes esse projeto interdisciplinar que permitisse um pensamento mais crítico e reflexivo no que se refere ao seu lugar de origem, no qual ainda residem. Isso foi pensado no sentido de poder proporcionar o aumento da mão de obra na região para tal fim, inicialmente partindo do chão da escola, e assim, poder ampliar conhecimentos de modo bastante significativo dando voz a um projeto já existente na comunidade, e aumentando também o campo de divulgação do mesmo para pessoas de outras cidades e/ou regiões.

Com isso surgiu o questionamento: o que revelam as narrativas dos estudantes sobre os saberes ‘não matemáticos’ presentes na construção de um projeto interdisciplinar realizado em uma Escola Quilombola? Mas para responder a essa questão foi necessário identificar os saberes escolares apreendidos pelos estudantes no projeto interdisciplinar, por meio de um questionário; e compreender a relação desses saberes com as experiências e vivências dos estudantes mediante o contexto em que estão inseridos.

Assim, a realização dessa investigação se mostra relevante por trazer contribuições para professores da área de Pedagogia, Biologia e Matemática, por trazer dados importantes para ajudar a entender como os saberes escolares são compreendidos pelos estudantes; e como os saberes ‘não matemáticos’ estão presentes nas narrativas dos estudantes, enquanto são realizadas

² Modalidade de Ensino prevista pela Lei nº 5692/71 complementada pela Lei nº 9394/96

³ Projeto interdisciplinar *Natural Brazil: Produção De Sabonetes Medicinais Artesanais Construídas Por Estudantes Da Escola Quilombola/Rural De Boa União, Alagoinhas – Ba.*

⁴ <https://jardindasol.com.br/voce-sabe-o-que-e-uma-exsicata/>.

atividades interdisciplinares que valorizem a cultura local, suas vivências e suas experiências, bem como suas especificidades, e assim, possibilitem maior significado para os mesmos.

1.1 Processos de ensino e aprendizagem na EJA e educação escolar quilombola: cultura, vivências e experiências locais.

Inicialmente é importante lembrar que a Educação Escolar Quilombola é uma modalidade de ensino da educação básica, segundo o parecer do Conselho Nacional de Educação nº 03/2004 e na Resolução nº 01/2004 do CNE/CP. Além disso, foram criadas para dar suporte a essa resolução, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola através das Resoluções do CNE nº 04/2010, publicada no D.O.U. em 14/07/2010; regulamentada pelo parecer CNE nº 16/2012, publicado no D.O.U. em 20/11/2012; e pela resolução do CNE nº 08/2012 publicada no D.O.U. em 21/11/2012, além de, diversos outros documentos com orientações gerais voltadas para a educação a nível nacional.

Dessa forma, podemos dizer que o processo histórico marcado pela luta e resistência de povos negros e quilombolas legitimaram essa modalidade de ensino, bem como, toda a política de pertencimento, de caráter étnico, político e cultural. Assim, a Educação Escolar Quilombola deve ser garantida pelo poder público, em articulação com as comunidades quilombolas e movimentos sociais, porém, por exemplo, se discute sobre a necessidade de uma formação para professores que trabalhem com essa modalidade de ensino, e que por muito tempo tem ficado a desejar.

Alinhando os processos de ensino e aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos a esse cenário, é importante lembrar que a aprendizagem do adulto é um campo que envolve conhecimentos diversos, de várias disciplinas, não de uma especificamente, em particular. Por outro lado, compreende-se que é muito difícil o docente caminhar nesse sentido, devido principalmente a não ter uma preparação sólida e direcionada para atuar na EJA, sendo importante trazer para a discussão o papel do formador.

Segundo o Parecer de nº 11/2000 do CNE/CEB, “o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir além das exigências formativas para todo e qualquer professor, àquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino” (Brasil, 2000, p. 56). Ou seja, há uma preocupação explícita no documento sobre a necessidade de uma formação, o que acarretou usar os próprios espaços, ou unidades de ensino, tal como aborda Gama & Terrazzan (2007, p.15) quando afirma que “as propostas de formação continuada, independentes das iniciativas e interesses que lhes deram origem, vêm acontecendo majoritariamente nas próprias escolas”.

Com base em autores como Fonseca (2005), o professor vai para a prática com uma visão geral, sem uma formação prévia sobre essa modalidade de ensino, principalmente quando se trata dos últimos ciclos, onde o aluno é visto como alguém que não tem potencial e que precisa ser ajudado numa perspectiva compensatória, ou seja, como não conseguiu chegar ao patamar desejado, ele precisa ser ‘empurrado’, sem um olhar específico; já o aluno que vem buscando uma mudança de

vida, uma transformação, entra em um choque de concepções. E é justamente para referendar essa visão empírica inicial que surge a necessidade de uma investigação mais profunda sobre como compreender o que mobiliza cada um desses sujeitos na construção do processo de Ensino e Aprendizagem, no contexto da Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012).

É possível perceber também que nas Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Escolar Quilombola, do Estado da Bahia (Bahia, 2014), em seu artigo 4º, prevê sobre o respeito as suas especificidades, considerando a valorização das práticas socioculturais, políticas e econômicas; bem como, o envolvimento da comunidade quilombola em si, através das suas lideranças na organização e gestão escolar, o que faz com que essas ideias sejam exploradas no espaço da sala de aula.

Também vale destacar uma iniciativa da Universidade do Estado da Bahia em realizar uma formação (Ead) para docentes, representantes escolares e membros das comunidades quilombolas do Estado da Bahia, em 2023, visando potencializar a formação docente e a Educação Escolar Quilombola em nosso estado, independente da área de formação acadêmica específica dos participantes, contribuindo para minimizar diversos problemas encontrados no processo de Ensino e Aprendizagem nessa modalidade de ensino.

A Educação Escolar Quilombola (Brasil, 2012; Bahia, 2014), deve valorizar as vivências e os espaços dos povos negros e quilombolas, e para isso é necessário pensar em um currículo que der conta das memórias, dos saberes locais de cada comunidade, de sua relação com a terra, das suas experiências com o trabalho, sempre resgatando a diversidade cultural e as matrizes africanas em cada região.

Nesse contexto, segundo Miranda (et al, 2021), os valores locais, as crenças, a religião, a cultura como um todo, devem ser valorizados quando pensamos no processo de ensino e aprendizagem. E dessa forma é possível pensar em elementos do dia a dia da escola, mas que sejam próximos da cultura das comunidades quilombolas locais como o calendário, a merenda escolar, o empreendedorismo, a religiosidade, as atividades recreativas, de modo que sejam resguardadas a história e a memória, que constituem uma identidade local resignificadas no espaço da sala de aula.

Também é importante repensar sobre a importância da transdisciplinaridade, através da construção e execução de projetos de forma coletiva, valorizando a identidade cultural, os saberes das comunidades, e a autonomia de seus membros (Gonçalves, Meirelles e Martines, 2020). Além disso, Santos (2022) chama atenção para a necessidade da descolonização dos currículos, onde o saber colonial “exclui todas as outras formas de saberes oriundos das classes populares” (Santos, 2022, p. 410).

Portanto, pensar em uma Educação Escolar Quilombola envolve um currículo e um projeto político pedagógico que se preocupe em traduzir todos os saberes não escolares em registros e ações possíveis de serem realizadas na comunidade escolar, em prol da aprendizagem dos saberes escolares presentes nesses espaços de construção contínua a coletiva do conhecimento. Nesse contexto, se faz presente a importância da geometria, que explora as formas e as medidas, por exemplo, conceitos que geralmente fazem parte do currículo da Educação de Jovens e Adultos

(Berutti, 2021), pois as formas de figuras planas e espaciais, também se apresentam no cotidiano das pessoas, e não muito menos, no cotidiano dos estudantes. “O ensino da Geometria contribui para ampliar e sistematizar o conhecimento espontâneo que o aluno tem do espaço em que se vive” (Fonseca, 2005, p. 47).

2 Metodologia

Nessa investigação foi realizada uma análise sobre o que revelam as narrativas dos estudantes sobre os saberes ‘não matemáticos’ presentes na construção de um projeto interdisciplinar realizado em uma Escola Quilombola. Para isso, foi necessário analisar algumas narrativas escritas de alguns dos estudantes envolvidos no projeto citado, de modo que foi considerado um ambiente natural, com poder descritivo e analítico, o que faz sentido utilizar uma abordagem qualitativa.

Portanto, aqui é considerado o conceito de Denzin e Lincoln (2005) sobre pesquisa qualitativa como “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (p. 17). Nesse entendimento, os fenômenos são estudados no local em que ocorrem, de modo que o pesquisador tenta compreendê-los, e, em seguida, situa a sua posição sobre eles.

Enquanto os alunos construíam e participavam do projeto interdisciplinar Natural Brazi, eram registrados todos momentos através de fotografias, registros importantes para relacionar o objetivo desta pesquisa com as reflexões realizadas pelos estudantes. Além disso, foi observado o local de origem dos dados (a sala de aula), pois segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa também é um meio de investigar e compreender dados mediante o contato direto com a situação em estudo, e de forma interativa.

Assim, a pesquisa qualitativa pode explorar dados descritivos, de modo que o pesquisador tenha uma variedade de materiais que servirá para ajudar na sua coleta de dados, análise e resultados, através de observações e interpretações que estão ao seu alcance, entrelaçados com o referencial teórico apresentado.

2.1 Instrumentos para coleta de dados

Foi utilizada a entrevista como um caminho para a coleta de dados, visto que o principal motivo pela escolha foi justamente a possibilidade de analisar dados oriundos de uma experiência em sala de aula, tal como a participação de estudantes em um projeto interdisciplinar, possibilitando que esses dados sejam analisados como informações mais significativas.

Conforme Gil (1999), uma entrevista se constitui em um procedimento sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Nesta perspectiva, Gil (1999) também estabelece que a entrevista é uma forma de interação social, que envolve o diálogo em ambas as partes, de modo que o pesquisador se comporta como a parte que busca coletar dados,

e o entrevistado se comporta como a fonte de informação. Para essa pesquisa foi utilizada a Entrevista Semiestruturada.

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (Boni; Quaresma, 2005, p.75).

Assim, em uma entrevista existe a vantagem de registrar as falas dos participantes da pesquisa, ou solicitar que os mesmos façam por escrito, além de avaliar as condições desfavoráveis que esse tipo de entrevista pode proporcionar, como o tempo dedicado para as análises. Portanto, para essa investigação foi necessário realizar uma entrevista semiestruturada, com material impresso, pensando em deixar os respondentes mais confortáveis em expor as suas percepções, vivências e experiências, assim como, os saberes possivelmente aprendidos na escola.

2.2 Contexto

Esta investigação foi realizada com estudantes que participaram do projeto interdisciplinar *Natural Brazi*, em uma Escola Quilombola do Distrito de Boa União, Alagoinhas⁵ – BA. Alagoinhas é uma cidade que está localizada à 108 km de Salvador, capital da Bahia; ela possui dois distritos: Boa União e Riacho da Guia. A escola na qual foi realizada a investigação está localizada no Distrito de Boa União, e já passou por diversas gestões de outras escolas da sede do município, sendo desde 2019 um anexo da Escola Brazilino Viegas, ficando conhecida como Escola Brazilino Viegas Anexo Boa União. A mesma só foi reconhecida como Escola Quilombola em 2021, ainda em meio a pandemia da Covid 19⁶.

A Escola citada recebe estudantes de comunidades quilombolas como Oiteiro⁷ e Cangula⁸, além de outras localidades do distrito da zona rural. A turma em que foi realizado o projeto intitulado *Natural Brazi* compõe uma das etapas da Educação de Jovens e Adultos, composta por vinte e cinco (25) estudantes, sendo que apenas dez (10) estudantes frequentavam mais regularmente. Destes, duas (2) alunas eram da comunidade do Cangula e apenas um (1) da comunidade do Oiteiro.

2.3 Projeto natural brazi e procedimentos

⁵ Dados sobre Alagoinhas podem ser consultadas no site <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alagoinhas>.

⁶ Desde 11 de março de 2020, o surto do novo Coronavírus, nomeado COVID-19, foi caracterizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma pandemia. A pandemia contribuiu para que o processo de ensino fosse prejudicado, e consequentemente, a aprendizagem dos estudantes ficou fragilizada, devido aos problemas de acesso à internet, principalmente das comunidades menos favorecidas.

⁷ Oiteiro. <https://www.ipatrimonio.org/alagoinhas-quilombo-fazenda-oiteiro/#!/map=38329&loc=-12.15096063698102,-38.44713939293199,17>

⁸ Cangula. <https://www.ipatrimonio.org/alagoinhas-quilombo-fazenda-cangula/#!/map=38329&loc=-12.106369087183053,-38.41088500374939,17>

As ações desenvolvidas no projeto Natural Bazi foram pensadas com o intuito de valorizar as habilidades dos estudantes relacionadas a criatividade durante a participação nas oficinas; construir consciência crítica relacionando o cooperativismo e o empreendedorismo com práticas coletivas e solidárias; compreender as ervas medicinais da região como aliadas da saúde do indivíduo, e como elementos compositores da geração de renda familiar; e ainda, alcançar os saberes necessários relacionados aos conceitos de medidas diversas, proporções, e algumas formas geométricas. Nos próximos parágrafos, serão apresentadas, de modo breve, algumas oficinas realizadas no projeto Natural Bazi.

A primeira oficina realizada foi a Montagem e Confeção de Exsiccatas. O objetivo dessa oficina foi desenvolver habilidades relacionadas ao processo de reconhecimento de algumas plantas da região de Boa União, consideradas como medicinais, de modo que os estudantes pudessem compreender como ocorre a preservação de exemplares dessas plantas. Inicialmente foi apresentado um vídeo contendo informações necessárias para a confecção das exsiccatas, e em seguida, a montagem foi executada na prática. Exsiccatas são amostras de plantas que foram coletadas, prensadas, desidratadas e montadas para um determinado fim didático.

A segunda oficina se refere à Produção de Sabonetes Medicinais Artesanais. Após a realização de diversas pesquisas, foram encontradas várias receitas na internet, sendo selecionada aquela considerada a mais simples para ser realizada no espaço da sala de aula. Assim, apresentamos os materiais de uma receita prática para a confecção de sabonetes medicinais artesanais: 90g de sabonetes de glicerina cortados em cubos; 10 a 20 ml de água para cobrir o fundo da panela; Gotas de óleo essencial (5 gotas para cada 30ml de glicerina ou 90g de sabonete) de mesma fragrância das ervas utilizadas; Pilão, para triturar as ervas, caso necessário; Ervas desidratadas e moídas, como: hortelã, alecrim, erva cidreira e erva doce (1 colher de sopa para cada 30 ml de glicerina); Panela esmaltada; Colher de pau; faca de mesa; colher de sopa; Fogãozinho elétrico uma boca; extensão, se necessário; Formas de plástico, silicone ou potes de margarina. Para essa oficina utilizamos as ervas mais comuns: Erva Doce, Erva Cidreira, Alecrim e Hortelã.

Na produção dos sabonetes foram dadas algumas orientações importantes para os estudantes: O uso de 10 a 20 ml de água que foi utilizado apenas para forrar o fundo da panela, para ajudar a derreter o sabão de glicerina (ou a base), não altera em quase nada em relação a quantidade final da mistura que foi utilizada para a confecção do sabonete medicinal artesanal. Isso é possível devido a densidade da água ser igual a $d = m/v = 1\text{g/cm}^3$, ou seja, a massa de uma grama para cada cm^3 de volume de água. Como $1\text{cm}^3 = 1\text{ml}$ podemos concluir que 1 ml de água corresponde a 1g de água ($1\text{ml}=1\text{g}$ de água). Além disso, para cada 90g de sabonete ou base de glicerina, foram adicionados 10ml de água, que correspondem a 10g a mais na mistura, podendo então chegar a uma medida de 100ml de sabonete, equivalente a 100g. ($10\text{ml} = 10\text{g}$ de água; e $90\text{g} + 10\text{g} = 100\text{g}$). Se dividir essa mistura com 100g em 2 recipientes será possível ter dois sabonetes com 50g cada; e, se ainda, dividir essa mesma mistura em 4 recipientes será possível obter mini sabonetes com 25 g cada.

A terceira oficina se refere a Confecção de Embalagens para Sabonetes Medicinais Artesanais. Inicialmente foram apresentadas algumas formas espaciais da geometria mais comuns, como prismas, cilindros, cubos e pirâmides. Sendo que destas, foram explorados os cubos e paralelepípedos. Essas formas foram trabalhadas de modo que fossem percebidas também as *formas planas* nas faces laterais das embalagens, como quadrados e retângulos. Em um segundo momento, foram entregues aos alunos alguns modelos de planificações para construção de embalagens, com formas bem conhecidas da geometria. Por fim, os alunos retiraram as medidas das dimensões das caixinhas, para posterior cálculo de gasto de material e da capacidade de cada uma delas.

3. Apresentando e analisando narrativas

Neste tópico são apresentados os dados coletados em uma entrevista aberta, posterior ao desenvolvimento do projeto Natural Brazi. Foram selecionadas as narrativas mais significativas em relação a cada questão apresentada, por escolha metodológica, principalmente para deixar o texto mais coeso e compreensivo por parte de cada leitor que possivelmente venha apreciá-lo.

Quadro 1 – Questão 1

Questão 1: Fale um pouco sobre você e sua comunidade (rural/quilombola) na qual você reside em Boa União.

Entrevistado A. Essas comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória preservando costumes e cultura trazidos por seus antepassados.

Entrevistado B. Aqui onde eu moro não é quilombola, mas é uma zona rural com vários moradores; aqui na minha comunidade a gente planta mandioca para fazer farinha para a venda e para o consumo.

Fonte: Organizado pelos autores.

Discussão:

Esta questão foi pensada para analisar se os estudantes que são oriundos da zona rural e/ou de comunidade quilombola da região se reconhecem como tal e considerando as respostas mais relevantes, ou seja, dos **Entrevistados A e B**, foi possível perceber que eles valorizam seu lugar de origem e que eles apresentam reconhecimento identitário, na medida que assumem ser de comunidade quilombola ou da zona rural. Diante das diretrizes nacionais e/ou estaduais voltadas para a Educação Escolar Quilombola, esse conhecimento é bastante significativo para que possamos pensar numa aprendizagem de saberes escolares, por meio dos saberes próprios de suas vivências e experiências, bem como da sua cultura.

Quadro 2 – Questão 2

Questão 2. Porque você escolheu estudar na Educação De Jovens e Adultos?

Entrevistado A. Porque nunca é tarde para começar, recomeçar e tentar de novo, um novo diploma, ou pode significar uma porta de entrada para uma excelente oportunidade no mundo profissional.

Entrevistado B. Antes eu fazia as séries normais só que depois eu engravidei ai tive que parar os estudos; ai como eu estava muito atrasada resolvi fazer jovens e adultos; daí adiantei bastante e com fé em Deus vou concluir e arrumar um emprego.

Fonte: Organizado pelos autores.

Discussão:

A questão sobre Educação de Jovens e Adultos foi pensada no sentido de saber do aluno se o aluno compreende para quem de fato esta modalidade de ensino (EJA) se destina, e foi percebido que os entrevistados, em sua maioria, de fato reconhecem que essa modalidade de ensino está voltada para os alunos que deixaram de estudar por muito tempo, quando eram mais jovens, ou devido ao trabalho, ou por terem constituído família. Foi possível perceber claramente isso nas respostas dos **Entrevistados A e B**.

Quadro 3 – Questão 3

Questão 3. Qual importância tem para você fazer parte, atualmente, de uma escola quilombola?

Entrevistado A. Concluímos a importância da educação escolar quilombola como uma das formas que os remanescentes possuem de compartilhar e perpetuar seus estilos de vida e seus conhecimentos e de formar indivíduos conscientes de sua realidade.

Entrevistado C. É importante porque estou tendo mais conhecimento das origens quilombola, pois aprendo mais e mais cada dia coisas novas.

Entrevistado D. A importância para mim é que o colégio fica com uma história para as outras gerações, tem várias vantagens para vários projetos; eu acho muito importante isso.

Entrevistado E. É importante porque eu conheci um pouco da cultura e história dos quilombos.

Fonte: Organizado pelos autores.

Discussão:

Trazendo a discussão para a compreensão, ou não, da importância de uma Escola Quilombola em Boa União foi possível perceber na maioria das respostas, principalmente dos **Entrevistados A, C, D e E**, que uma Escola Quilombola é importante para que sejam resgatadas a cultura e as histórias das comunidades da região, bem como, ter a possibilidade de nesse espaço serem discutidas políticas públicas voltadas para essas comunidades, que deem apoio, visibilidade e valorização dos seus projetos (como a farmácia verde, por exemplo, da comunidade do Cangula, comentada na introdução desse artigo), além de construírem consciência crítica sobre a “manutenção” dessas culturas locais em novas gerações.

Quadro 4 – Questão 4

Questão 4. O que o projeto Natural Brazi foi para você?

Entrevistado A. O objetivo foi levantar informações que possam ser usadas por implementadores do projeto de restauração e tomadores de decisão.

Entrevistado B. Eu amei o projeto, ele ensinou como se faz sabão de várias essências; eu aprendi muito, se eu quiser confeccionar, eu já faço.

Fonte: Organizado pelos autores.

Discussão:

Nessa questão, foram destacadas as respostas dos **Entrevistados A e B**, sobre a importância do projeto interdisciplinar (sobre a produção de sabonetes medicinais) para cada

entrevistado envolvido. Foi possível perceber que os demais respondentes se limitaram a dizer que foi bom, ou que gostaram, ou que foi uma experiência nova, e com base nessa experiência eles podem reproduzir essa prática adiante. Isso faz lembrar também da valorização do empreendedorismo na EJA, e mais especificamente, em uma Escola Quilombola.

Quadro 5 – Questão 5

Questão 5. Refletido sobre o projeto Natural Brazi, descreva o que você aprendeu, considerando as atividades das disciplinas desenvolvidas.

Entrevistado B. Aprendi a fazer sabão com a barra; que eu já ouvia falar, mas nunca tinha feito; achei bastante diferente, tem de alecrim, hortelã e vários outros também.

Entrevistado C. Eu aprendi fazer sabonete de aroma e de essências de plantas medicinais.

Entrevistado F. Aprendi confeccionar embalagens e a feira para mim foi muito importante, pois eu nunca tinha participado.

Fonte: Organizado pelos autores

Discussão:

Pensando nos saberes escolares possivelmente presentes na construção e desenvolvimento do projeto interdisciplinar realizado na escola, em relação a essa questão, não foram obtidas respostas muito significativas, que de fato direcionassem mais aos saberes da escola, a exemplo dos **Entrevistados B e C**, que pensaram mais na produção dos sabonetes, e do **Entrevistado F**, que relatou sobre a confecção das caixinhas. Nesse último, para construir as caixinhas são necessários alguns conhecimentos das formas geométricas, porém eles não deixaram explícitas essa ideia. Se houvesse mais tempo para observar os estudantes na sala de aula, em atuação no projeto interdisciplinar, talvez fosse possível perceber no diálogo desses estudantes, a presença desses saberes.

4 Considerações finais

O texto, abaixo, se refere ao relato voluntário de uma aluna, que deixa claro a relevância dada ao seu lugar, ao seu modo de vida, por fazer parte de uma comunidade quilombola. Além das atividades laborais da comunidade, ela também comenta sobre as plantas encontradas na região onde mora, bem como, são utilizadas essas plantas para uso medicinal, a exemplo de produção de sabonetes e do uso dessas plantas como medicamentos naturais, representados pelo chá e banhos.

Moro na comunidade de Fazenda Cangula Boa União. Nasci e me criei nessa comunidade, pra mim foi um orgulho nascer aqui, nossa terra é um lugar muito abençoado, como diz o morador e irmão da nossa comunidade, irmão Jorge: é terra que emana leite e mel. E afirmo que ele está certo, é um lugar rico, o solo fértil, pois tudo que plantamos dar. Nossa região tem muitas plantas medicinais usadas para banho, chá, xarope, e produção de sabonetes. Meu avô usava muito algumas ervas que ele usava para benzer. Na nossa região tem vários tipos de ervas. Na nossa região tem diversos tipos de ervas, entre elas eu destaquei algumas mais conhecidas: alecrim do mato, canela de juriti, canela de velho, alcaçuz, alecrim, espinho cheiroso, malva branca, lona branca, macela galega, mastruz, eucalipto cheiroso, água de levante, (...), carqueja, alfavaca, vassourinha, aroeira, (...), purga de batata, e outras. Consideramos que essas ervas, usamos muito diariamente, elas contêm anti-inflamatórios naturais e muitas delas usamos para chás: ferimentos e contusões, gripe e resfriado, rinite e sinusite, inalações e banhos. Essas são as ervas mais valiosas para mim, uso muito e recomendo; essas ervas eu encontro no meu quintal e pra mim é o grande orgulho. (M.A.P.J.).

É bem notório nas narrativas o uso dos saberes, das vivências e das experiências, das pessoas das comunidades quilombolas em atividades escolares, como por exemplo, na participação desta estudante em projetos interdisciplinares. Nesta pesquisa, não foi possível verificar de modo explícito, quais os saberes escolares foram aprendidos pelos estudantes de uma Escola Quilombola. Por outro lado, foi percebida a forte influência dos saberes locais na construção dos saberes escolares, visto que, esses estudantes trazem para o espaço da sala de aula importantes elementos da vida diária, que fazem parte das suas vivências, experiências, modos de vida e cultura, que são passados de geração para geração.

Referências

- BAHIA. Conselho Estadual de Educação. **Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Escolar Quilombola**. Resolução CEE/ CEB nº68/2013. Salvador, BA, 2014.
- BERUTTI, F. (Org.). **Projeto Recomeçar educação de Jovens e adultos: EJA**. Ensino Médio: Matemática e suas Tecnologias. Curitiba: Divulgação Cultural, 2021. (Formas geométricas).
- BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Td. ALVAREZ, M. J; SANTOS, S. B. dos; BAPTISTA, T. M. Portugal, Porto Codex: Porto Editora, 1994.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer n. 11 de 10 de maio de 2000**. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos). Brasília (DF): MEC/RFB, 2000
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica**. 2012.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2005
- FONSECA, M. F. R, ET al. **O ensino da Geometria na escola fundamental** – três questões para a formação do professor dos ciclos iniciais. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GAMA, M. E.; TERRAZZAN, E. A. **Características da formação continuada de professores nas diferentes regiões do Brasil**. GT formação de professores/ nº08 da ANPED. São Paulo: 2007. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em 20 de junho de 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLÇALVES, I. G. R; MEIRELLES, H. K; MARTINES, L. Saberes Quilombolas: oficinas e práticas entre comunidade, escola e universidade em Barra do Turvo (SP). **Revista OKARA: Geografia em debate**. V14, n.2, p. 629-647. 2020.

MIRANDA, C.; RIASCOS, F. M. Q.; PARDO, C. R.; CARMO, A. C. O. Decolonialidade e movimentos pedagógicos: traduções para a educação intercultural no itinerário Brasil-Colômbia. In VASCONCELOS, J. A. P. A. **Profissão docente em questão!** (Organizadora). – Salvador: Edufba, 2021.480 p.

SANTOS, R. C. Saberes do Quilombo: Relatos de uma experiência educativa com estudantes em uma comunidade quilombola no Baixo Sul da Bahia. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V.8, N.2, pág. 406 – 422, maio-ago de 2022.